

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

THAÍS CRISTINE DOS SANTOS

**A AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA POR CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL BILÍNGUE**

MARINGÁ

2013

THAÍS CRISTINE DOS SANTOS

**A AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA POR CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL BILÍNGUE**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC –
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá como
requisito parcial para obtenção do grau de
licenciada em Pedagogia.

Orientação: Profa. Dra. Sandra Maria Coelho
de Souza Moser

MARINGÁ

2013

A AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA POR CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL BILÍNGUE

RESUMO

Atualmente, é notável a expansão do ensino bilíngue para crianças no Brasil devido à preocupação dos pais e/ou responsáveis em proporcionar aos seus filhos a aquisição de uma segunda língua quando ainda crianças, com o propósito de garantir-lhes uma melhor formação, e tem aumentado consideravelmente a procura pelas escolas com propostas bilíngues. Desse modo, apoiados nos pressupostos de Vygotsky, pretendemos investigar quais as contribuições que a educação infantil bilíngue proporciona ao desenvolvimento cognitivo das crianças. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa na busca de trabalhos sobre a temática da Educação Bilíngue Infantil, com o propósito de discutir o tema da pesquisa e também responder à pergunta problema. Ao finalizarmos a pesquisa, observamos que o bilinguismo na infância é uma experiência significativa. Nosso objetivo neste artigo é trazer os resultados desta pesquisa e as nossas considerações referentes às contribuições que essa educação traz para o desenvolvimento das crianças.

Palavras-chave: Bilinguismo. Educação bilíngue. Aprendizagem. Desenvolvimento infantil.

ACQUISITION OF A SECOND LANGUAGE IN BILINGUAL CHILDREN IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT

Nowadays, it is remarkable the increasing of bilingual education for children in Brazil due to the worrying of parents in providing to their children the acquisition of a second language while very young in order to ensure them a better education. Thus, the demand has increased considerably the number of schools with bilingual proposals. Thus based on Vygotsky theory we intend to investigate the contributions this bilingual education brings to the cognitive development of children. Therefore, we developed a literature research of qualitative approach. We read some developed researches on the theme of Children's Bilingual Education, to bring to discussion this topic and also answer our question. We observed that bilingualism in childhood is a significant experience. Our aim in this article is to bring the results of this research and also our final considerations about the contributions that bilingual education brings to the development of the children.

Key-words: Bilingualism. Bilingual Education. Learning. Child development.

A AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA POR CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL BILÍNGUE

SANTOS, Thaís Cristine dos.

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, percebemos uma aproximação econômica, social, cultural e política entre os países devido à globalização. Nesse sentido, o domínio de uma segunda língua tem se tornado uma necessidade nesse mundo globalizado.

Dessa forma, esse fenômeno se reflete na educação, pois é crescente a procura pela educação bilíngue, e conseqüentemente tem elevado o número de escolas com propostas bilíngues, que oferecem o aprendizado de duas línguas para atender a essa demanda.

Flory (2008) afirma que anteriormente no Brasil as escolas bilíngues eram procuradas principalmente por famílias imigrantes que valorizavam a língua e a cultura de sua origem e queriam que seus filhos tivessem a oportunidade de conhecê-las, ou por famílias que vinham para o Brasil apenas por um período específico. No entanto, atualmente a situação é diferente, pois muitos pais se interessam pela educação bilíngue para seus filhos a fim de garantir-lhes a aquisição de uma segunda língua quando ainda crianças.

Diante disto, neste trabalho temos como propósito estudar os pressupostos teóricos que permeiam os conceitos de bilinguismo a partir da educação infantil e suas contribuições para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Teóricos como Megale (2005), Martins (2007), Flory (2008), Silva (2009) irão, dentre outros autores, subsidiar essa pesquisa, pois destacam em seus estudos aspectos que dizem respeito à educação bilíngue.

Assim, nosso objetivo geral nesta pesquisa é investigar quais as contribuições da educação infantil bilíngue ao desenvolvimento cognitivo das crianças. Nossos objetivos específicos são: compreender o processo de ensino-aprendizagem na educação bilíngue e suas contribuições ao desenvolvimento cognitivo dos alunos; observar a implicação da educação infantil bilíngue no desenvolvimento cognitivo das crianças.

A construção dos objetivos desta pesquisa se deu por meio da formulação do seguinte problema: quais contribuições a aprendizagem de uma segunda língua em uma abordagem bilíngue, a partir da educação infantil, traz para o desenvolvimento cognitivo da criança?

Assim sendo, a relevância desta pesquisa sobre educação bilíngue deve-se à necessidade de refletir acerca de estudos e pesquisas relacionados à aquisição de uma segunda

língua e produzir conhecimento científico sobre essa temática no curso de Pedagogia. Tais reflexões também pretendem compreender o processo de ensino-aprendizagem na educação bilíngue visando à melhoria desse processo.

Para poder investigar essa problemática, a proposta metodológica escolhida para subsidiar este trabalho segue a linha de pesquisa qualitativa e estabelece como procedimento de investigação a pesquisa bibliográfica, uma vez que esta permite ao pesquisador o contato direto com o que foi escrito sobre determinado assunto e por meio da análise dos textos estabelecer relações, triangular as pesquisas sobre o bilinguismo, confrontar ideias, refutar ou confirmar hipóteses para depois trazermos nossas considerações finais.

O referencial teórico desta pesquisa é a Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky, que compreende a aprendizagem e o desenvolvimento humano a partir das relações sociais e destaca a relação entre pensamento e linguagem e sua importância no desenvolvimento social e cognitivo na criança. Diante disto, no presente estudo pretendemos, a partir dessa fundamentação teórica, responder ao problema de pesquisa, e para tanto dividimos este trabalho da seguinte forma: primeiramente, apresentamos o conceito de bilinguismo; em seguida, o processo de ensino e aprendizagem na educação bilíngue, e por fim, a implicação e as contribuições do bilinguismo para o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

1. BILINGUISMO E EDUCAÇÃO BILÍNGUE

O conceito de bilinguismo parece simples; a princípio, entendemos que esse termo refere-se a um sujeito que emprega duas línguas. No entanto, em nossa pesquisa, percebemos que não há um consenso entre os pesquisadores na definição de bilinguismo, uma vez que os critérios para se considerar um sujeito bilíngue são muito variados. A definição acima assemelha-se à apresentada no dicionário Aurélio (FERREIRA, 1988, p.95): bilíngue é aquele que se comunica em duas línguas. Já o dicionário de Linguagem e Linguística (TRASK, 2004, 47-48), além de definir o bilinguismo como a capacidade de falar duas línguas, também assinala que a pessoa bilíngue revela características individuais e de uma comunidade linguística de duas ou mais línguas.

Ainda nesse contexto, Bloomfield (1935, apud MEGALE, 2005) afirma que é “o controle nativo de duas línguas”, ou seja, ser bilíngue é ter o domínio de duas línguas. Macnamara (1967, apud MEGALE, 2005), por seu turno, se opõe a essa visão e defende que “um indivíduo bilíngue é alguém que possui competência mínima em uma das quatro

habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) em uma língua diferente de sua língua nativa”.

Existem muitas outras definições do termo bilinguismo; Harmers e Blanc (2000, apud DAVID, 2007) explicam que as variadas definições e os diferentes conceitos relativos ao sujeito bilíngue classificam-se em duas perspectivas: a concepção unidimensional e a concepção multidimensional. A primeira diz respeito àquelas que definem o sujeito bilíngue apenas em uma dimensão, a linguística, além de não se embasar em teorias de comportamento linguístico. A segunda considera a interação entre língua e cultura e as dimensões sociais e individuais.

Desse modo, entendemos que para a definição de bilinguismo e de educação bilíngue é necessário considerarmos os aspectos históricos, culturais, sociais, políticos, entre outros. Diante disso, é possível compreendermos a existência de escolas bilíngues com propostas e objetivos diferentes, pois é uma pluralidade de fatores que as definem.

Harmers e Blanc (2000, apud MEGALE, 2005) afirmam que a educação bilíngue é como “qualquer sistema de educação escolar no qual, em dado momento e período simultânea ou consecutivamente, a instrução é planejada e ministrada em pelo menos duas línguas.”

Sobre o ensino bilíngue, Silva (2009) sublinha que se trata de oferecer um ambiente de ensino sociocultural em dois idiomas que possibilite a aquisição de uma segunda língua com a mesma naturalidade que a criança adquiriu a língua materna, por meio da imersão. Baker (2006, apud SILVA 2009), por sua vez, assinala que o programa de imersão consiste em aprender uma segunda língua desde a educação infantil de forma subconsciente, similar ao aprendizado da primeira língua, já que o conteúdo curricular torna-se o foco para o desenvolvimento da língua.

Ainda nesse contexto, é importante ressaltar que nessas escolas bilíngues a comunicação é realizada no segundo idioma, fazendo com que o aluno o assimile de uma forma natural e espontânea, da mesma maneira como aprende a língua materna.

Em seu estudo, Silva (2009) verificou que as escolas bilíngues, em sua maioria, têm como meta garantir o ensino pleno de duas ou mais línguas, bem como desenvolver todas as potencialidades dos alunos, até mesmo da consciência crítica. Os pais de alunos esperam que seus filhos sejam fluentes em um novo idioma e que ampliem seus conhecimentos culturais.

A partir desses dados, Silva (2009) conclui que as escolas bilíngues brasileiras seguem as diretrizes nacionais e que o seu diferencial é oferecer aos alunos um ambiente cultural diverso, pelo conhecimento linguístico e cultural em outro idioma.

2- O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Atualmente ainda existe uma preocupação de pais e de educadores sobre a possibilidade de que o bilinguismo na infância afete o desenvolvimento cognitivo e de linguagem das crianças.

Martins (2007) esclarece que estudos sobre a educação bilíngue passaram por diferentes momentos. As primeiras pesquisas indicavam o bilinguismo como prejudicial para o desenvolvimento cognitivo das crianças, uma vez que confundiria a criança e interferiria no desenvolvimento das funções cognitivas. Posteriormente, na década de 1960, os programas canadenses de imersão francesa para crianças anglo-fônicas demonstraram resultados positivos, sem apresentar problemas à língua materna.

Bialystok (2011) explica que essa visão mudou a partir do estudo de Elizabeth Peal e Wallace Lambert, em 1962, que representa um marco na área e que apresentou a superioridade geral de bilíngue em comparação com o monolíngue em vários testes de inteligência de aspectos de desempenho escolar. Segundo Diaz (1983), nesse estudo, as crianças bilíngues tiveram um desempenho melhor que as monolíngues em testes de habilidades verbais e não verbais, em testes de formação de concepção e em tarefas que requeriam flexibilidade mental ou simbólica. O estudo também é reconhecido porque levantou importantes questões metodológicas. Peal & Lambert (1962) atribuíram os resultados negativos dos bilíngues nos estudos anteriores à falha dos pesquisadores.

Bialystok (2011) afirma que somente após a década de 1970, com essa constatação, é que se desenvolveram as abordagens de pesquisa referentes ao bilinguismo: a linguística, a sociolinguística, a psicolinguística e a neurolinguística. Ainda segundo a autora, a maioria das pesquisas referentes ao bilinguismo foi realizada na perspectiva da linguística.

Desse modo, a educação bilíngue passou a ser vista com um novo olhar e intensificaram-se as pesquisas sobre essa temática. Na década de 1980, várias teorias foram desenvolvidas com relação ao ensino de uma segunda língua e tornou-se relevante a teoria de Vygotsky a essa aprendizagem. Atualmente, as pesquisas apontam em sua maioria aspectos positivos do bilinguismo e revelam que os sujeitos bilíngues apresentam ganhos cognitivos.

Com relação à teoria histórico cultural e suas implicações para a aquisição de uma segunda língua, Martins (2007) pontua que a aplicação da teoria ganhou destaque principalmente por meio das publicações de James Lantolf (1994; 1998; 2000).

De acordo com a concepção de Vygotsky (1991) sobre o desenvolvimento humano, o aprendizado ocorre primeiramente na interação que o indivíduo estabelece com outros indivíduos antes de se tornar um processo mental. O autor considera que as funções psicológicas se desenvolvem, primeiramente, no nível social (interpsicológico) e posteriormente no nível individual (intrapsicológico). Para Vygotsky, a interação social e o contexto social são os fundamentos do desenvolvimento cognitivo. As funções psicológicas superiores não são inatas, elas são desenvolvidas a partir de algumas condições.

Nessa perspectiva, Martins (2007) atesta que o aprendizado de uma segunda língua por crianças depende da experiência pela qual elas passam. Quanto mais ricas e significativas forem suas experiências de linguagem, mais elas estarão propensas a aprender.

Em relação à aprendizagem e desenvolvimento, Vygotsky (1984) expõe que estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança. Esses processos são independentes, dinâmicos e contínuos. Nas palavras do autor:

[...] a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal, para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente (VYGOTSKY, 1998, p.115).

Vygotsky reconhece que a aprendizagem possibilita e impulsiona o desenvolvimento. Desse modo, o professor atua como mediador, por meio de um trabalho intencional e sistematizado, a fim de favorecer o processo de ensino e aprendizagem, além de ser o responsável por organizar os meios: conteúdo, espaço, tempo e procedimentos.

Baker (2001, apud MARTINS, 2007) apresenta algumas técnicas que podem ser utilizadas por professores de currículo de imersão:

1. Oferecer às crianças suporte ao contexto da língua que está sendo usada, como linguagem corporal, expressões faciais e dramatização;
2. Dar instruções bastante diretas, por exemplo, sinalizando bem claramente o momento de iniciar ou terminar uma tarefa.
3. Conhecer melhor a criança e seu ambiente familiar e desta forma conectar novos conhecimentos àqueles já assimilados por ela;
4. Utilizar constantemente material visual que ilustre com objetos concretos, figuras ou projeções, dando à criança plenas oportunidades de atividades manipulativas e de experimentação, assegurando que ela possa usar todos os sentidos nas experiências de aprendizagem;
5. Obter constante feedback sobre o nível de entendimento das crianças e realizar um diagnóstico do desenvolvimento de sua linguagem;

6. Retomar o que foi visto através de repetições, resumizando os conceitos desta forma, assegurando-se de que as crianças atendam aos comandos de direção;
 7. Servir de modelo do qual a criança se apropria para desenvolver sua linguagem.
 8. Não corrigir constantemente o aluno, pois o erro é parte do processo de construção;
 9. Usar grande variedade de estratégias na resolução de problemas;
 10. Utilizar métodos variados de avaliação da compreensão do aluno
- (MARTINS, 2007, p. 45).

Martins (2007) registra que quando a criança é inserida em um ambiente de aprendizagem em dois idiomas, ela aprende a utilizar de modo apropriado a língua específica e as respostas culturalmente adequadas, o que representa um ganho em suas experiências de aprendizagem.

Nesse sentido, Genesee (1987), citado por Martins (2007), afirma que a criança inserida nesse contexto adquire a segunda língua de maneira sequencial. Em um primeiro momento, a criança, mesmo exposta à segunda língua, continua a usar a língua materna. Depois, geralmente a criança passa por um período intitulado não-verbal ou de silêncio. Em seguida, a criança passa a utilizar frases “telegráficas” e “frases feitas” na segunda língua. Por fim, a criança passa a produzir frases mais completas no segundo idioma.

No período de silêncio, entende-se que as crianças estão em constante processo de compreensão da segunda língua. Elas observam com atenção, a fim de absorver o máximo possível do que a professora e outras crianças dizem na segunda língua. Desse modo, os professores nessa fase devem fixar rotinas e preparar atividades de construção e repetição, com o propósito de que as crianças se familiarizem com a segunda língua. Ainda nesse período de silêncio, as crianças utilizam a linguagem não verbal para se comunicar, como mímicas e gestos.

Assim como na aprendizagem da primeira língua, as crianças começam a repetir os sons que estão a sua volta e então utilizam uma linguagem “telegráfica”. Essas tentativas comumente são formuladas pelas crianças com as palavras que já aprenderam, como, por exemplo, objetos espalhados pela sala ou mesmo a recitação das letras do alfabeto. As frases feitas servem como um apoio para a criança se comunicar com a professora e os colegas. Desse modo, as crianças compreendem e adquirem significados para se comunicar na segunda língua e utilizam frases pré-formuladas.

Após esse momento, as crianças começam a desenvolver um entendimento da sintaxe e da estrutura gramatical da língua, o que permite a formulação de frases mais elaboradas,

deixam de utilizar frases pré-formuladas e isso contribui para ampliar o vocabulário da nova língua.

3 A IMPLICAÇÃO E AS CONTRIBUIÇÕES DO BILINGUISMO AO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DOS ALUNOS

Devido à falta de conhecimento sobre o bilinguismo infantil, é comum pais e educadores apresentarem muitas dúvidas a respeito desse assunto e também muita preocupação, pois desconfiam que essa educação pode trazer consequências negativas para as crianças que aprendem duas línguas na infância.

Sendo assim, observamos que muitos pesquisadores têm se empenhado no estudo da aquisição bilíngue e é possível compreender os aspectos de desenvolvimento bilíngue. Dentre os vários questionamentos que permeiam a educação bilíngue na infância, alguns deles devem ser destacados.

Em relação ao desenvolvimento da linguagem, a dúvida frequente é se aprender duas línguas na infância pode resultar em atrasos. Genesee (2004) explica que se as crianças tiverem uma exposição regular e rica às duas línguas, elas apresentam os mesmos progressos aproximadamente nas mesmas idades que as crianças monolíngues. O autor salienta que as diferenças individuais interferem na aquisição da linguagem, por isso atrasos nem sempre representam um problema, na maioria dos casos significa que a criança demorou um pouco mais.

Genesee (2004) propala ser essencial que os pais, juntamente com a escola, ofereçam a todo momento uma exposição sistematizada às duas línguas e evitem alterações no ambiente linguístico da criança, porque podem atrapalhar o desenvolvimento da linguagem.

O autor ainda esclarece que se as crianças bilíngues tiverem uma exposição linguística regular a cada língua, elas adquirem a mesma proficiência nos aspectos fonológicos e gramaticais. O bilinguismo deve ser um processo natural, em que a criança desenvolve o vocabulário das duas línguas, adequado às situações de comunicação, reais e contextualizadas, a fim de que as crianças saibam usar as palavras adequadas ao contexto comunicativo de maneira natural.

Bialystok (2011) ressalta que com relação à proficiência geral em linguagem, crianças bilíngues frequentemente têm um vocabulário inferior em cada um dos idiomas do que as monolíngues em seu próprio idioma. No entanto, Genesee (2004) argumenta que se reunir o

vocabulário que as crianças bilíngues dominam em ambas as línguas, elas geralmente conhecem o mesmo número de palavras que os monolíngues.

Em termos da compreensão da estrutura linguística, designada consciência metalinguística, Bialystok (2011) afirma que as crianças bilíngues tendem a ser melhor do que as monolíngues. Na aquisição de habilidades de leitura e escrita, o bilinguismo, conforme a autora, é positivo, pois promove progressos mais rápidos no desenvolvimento linguístico.

Outro aspecto que Bialystok (2011) evidencia é que na resolução de problemas que exigem controle da atenção e seletividade, as bilíngues entre 4 e 8 anos de idade apresentam vantagens significativas em comparação com as crianças monolíngues. A autora salienta que as influências não se resumem ao domínio linguístico, que seriam esperadas, porém incluem as habilidades cognitivas não verbais.

Conforme aponta Hakuta & Pease-Alvareres (1992, apud MARTINS, 2007), também ocorre um ganho cultural, social e econômico para as pessoas bilíngues.

Para Martins (2007), esse pode ser um dos motivos pelos quais os alunos bilíngues têm se destacado em testes de inteligência verbal, na formulação de conceitos, no pensamento global e na solução de problemas.

Martins (2007) afirma que a questão da idade é um fator que interfere no bilinguismo. Corroborando a autora, as crianças apresentam algumas vantagens em relação aos adultos. Baker (1989, apud MARTINS, 2007) explica que a aquisição de uma segunda língua passa por um processo que ocorre de forma mais eficaz quanto mais cedo a criança for inserida, uma vez que os menores possuem habilidades linguísticas mais generalizadas e os elementos fônicos da primeira língua ainda não estão totalmente firmados. Nesse âmbito, Martins (2007) ressalta que quando a criança aprende a segunda língua na infância a pronúncia é mais próxima da nativa.

Mechelli (2004, apud MARTINS, 2007) coordenou recentemente um estudo no Instituto de Neurociências Cognitivas em Londres, realizado por meio de experimentações com a ressonância magnética funcional e obteve imagens detalhadas do cérebro. Nesse estudo, os pesquisadores compararam 3 grupos de pessoas: os monolíngues, os bilíngues que aprenderam um segundo idioma antes dos cinco anos e os que aprenderam uma segunda língua após os dez anos de idade.

A pesquisa demonstrou que a densidade de neurônios na área parietal inferior do hemisfério esquerdo é maior nos indivíduos bilíngues do que nos monolíngues e ainda maior nos bilíngues que aprenderam uma segunda língua até os cinco anos de idade. Mechelli (2004, apud MARTINS, 2007) pontua que essa área do cérebro é ativada na realização de tarefas

relacionadas ao uso da linguagem, e como houve um aumento no volume da massa cinzenta, esse estudo confirma que a plasticidade cerebral, ou seja, a capacidade do cérebro de modificar em parte sua estrutura e as conexões entre neurônios é muito maior em crianças do que em adultos, o que significa que é muito melhor aprender uma segunda língua ainda na infância.

Nesse contexto, Martins (2007) apresenta outro estudo, realizado pela pesquisadora Ellen Bialystock no Canadá no ano de 2004, que tinha como propósito medir as habilidades mentais que sofrem declínio com a idade. O teste intitulado Simon foi desenvolvido em grupos formados por pessoas bilíngues e monolíngues. Martins (2007) ressalta que o estudo foi repetido por três vezes e os resultados foram positivos:

Os sujeitos bilíngues apresentaram melhores desempenhos na tarefa. Os cientistas chegaram à conclusão que falantes bilíngues são capazes de lidar melhor e mais rápido com distrações e isso pode ajudá-los a desempenhar melhor as tarefas mentais que apresentam declínio com a idade. O estudo também concluiu que pessoas bilíngues são melhores em cumprir tarefas múltiplas do que as monolíngues. Isto é porque, segundo a pesquisadora Ellen Bialystok, os bilíngues exercitam regulamente a parte do cérebro conhecida como córtex pré-frontal que reforça o período de tempo da atenção (attention span). A equipe liderada por Bialystok defende a hipótese de que a habilidade de manter os códigos de duas línguas na mente ao mesmo tempo pode concorrer para um maior controle necessário para melhores desempenhos no Simon teste. Uma hipótese alternativa é a de que as pessoas bilíngues trabalham sua memória de modo superior para poder armazenar e processar informações (MARTINS, 2007, p.35).

Genesee (1994, apud MARTINS, 2007) aponta que as crianças tendem a assumir elementos isolados de uma língua na outra. Martins (2007) reafirma que é muito comum as crianças, no processo de aquisição de uma segunda língua, trocarem algumas palavras ou misturarem as duas línguas.

a troca de código geralmente ocorre quando uma criança está tentando classificar uma ideia ou resolver uma ambiguidade. Ela é também usada para atrair ou manter a atenção do ouvinte ou para elaborar uma afirmação. As crianças algumas vezes misturam as duas línguas quando tentam comunicar uma palavra ou expressão que não está imediatamente disponível para elas na segunda língua. Como as crianças monolíngues, crianças bilíngues também brincam com suas duas línguas, fazendo rimas, inventando palavras e usando certas palavras fora do contexto apropriado (MARTINS, 2007 p. 39)

Genesee (1994, apud MARTINS, 2007) evidencia que essas eventuais trocas são normais, uma vez que a criança, em um primeiro momento, não tem consciência que está em contato com duas línguas distintas e não é capaz de separar os dois idiomas conscientemente. Aos poucos, a criança passa a diferenciar as duas línguas e passa a escolher qual língua utilizar dependendo do contexto social de comunicação.

Conforme as crianças se familiarizam com as duas línguas, elas se sentem mais seguras e não tendem a trocar as palavras; com o tempo elas entendem que cada língua tem sua particularidade, seu próprio vocabulário, sintaxe e compreendem que nem todas as pessoas de seu convívio compreendem as duas línguas, e então distinguem que língua utilizar com determinada pessoa (MARTINS, 2007).

Genesee (1994, apud MARTINS, 2007) explica que anteriormente, essa troca de código era apontada como um ponto negativo do bilinguismo, porém as pesquisas atuais têm constatado que quando as crianças fazem essas trocas elas estão utilizando recursos efetivos de comunicação. O autor salienta que até os adultos proficientes utilizam essa estratégia de maneira sofisticada, sem influenciar negativamente a sintaxe das línguas. Fonoaudiólogos afirmam que os erros devem ser considerados marcas daquilo que está sendo reorganizado na produção linguística da criança, uma vez que demonstra a reflexão da criança sobre a língua.

Nicoladis E, Charbonnier M, Popescu A (2011) salientam que as pesquisas apontam que o bilinguismo não causa confusão e não apresenta impacto negativo sobre o desenvolvimento, além de ter algumas vantagens significativas. De acordo com Nicoladis E, Charbonnier M, Popescu A (2011):

Embora o bilinguismo não tenha efeitos negativos inerentes sobre o desenvolvimento, há diversas variáveis que podem afetar o resultado do desenvolvimento bilíngue, entre as quais o contexto em que os idiomas são aprendidos, as atitudes dos pais em relação ao bilinguismo, o status do(s) idioma(s) na comunidade, e o contexto sociocultural em que as crianças vivem. O respeito geral e o estímulo em relação aos idiomas que uma criança bilíngue está aprendendo desempenham um papel importante em seu desenvolvimento, promovendo resultados positivos (CHARBONNIER M, POPESCU, 2011, p.2).

Nesse sentido, entendemos que a motivação também é um aspecto relevante na aquisição da segunda língua. Martins (2007) expõe que as crianças precisam se sentir confortáveis nas situações de interação e estar motivadas a aprender, porque dessa forma elas

tendem a avançar mais rápido no aprendizado da nova língua. Assim, é fundamental que as escolas e a família incentivem essa aprendizagem.

Martins (2007) afirma que o ponto central na educação bilíngue é promover um currículo responsivo cultural e linguisticamente, inserindo o aluno de maneira natural ao universo sonoro da segunda língua, sem desconsiderar os valores linguísticos e culturais da língua materna a fim de ampliar esses valores.

Ferronato e Gomes (2008), fonoaudiólogas, também esclarecem que o meio deve oferecer estimulação suficiente, pois um ambiente com pouca estimulação ou exagero na superproteção torna-se contraproducente e pode acarretar atraso no desenvolvimento.

Em sua pesquisa, Ferronato e Gomes (2008) descrevem a intervenção fonoaudiológica em um menino, de 2 anos e 4 meses, que estava exposto ao aprendizado de duas línguas simultaneamente e foi encaminhado para atendimento fonoaudiólogo com a queixa de não se comunicar verbalmente. As autoras constataram um atraso simples da linguagem e identificaram que a fim de se comunicar, ele utilizava gestos de apontar e movimentos com a cabeça para indicar afirmação ou negação. O menino também não compreendia nada do que lhe era comunicado verbalmente em português e suas produções vocais eram riso, choro e grito.

Um aspecto que deve ser considerado é que o menino era membro de uma família alemã, filho único, tímido, residia em área rural, ficava sob os cuidados da avó e do tio durante o dia e por isso não tinha contato com outras crianças.

Desse modo, a primeira orientação à família foi que deveriam colocá-lo em contato com outras crianças, porém a solicitação não foi atendida e por isso a terapia passou a ser realizada juntamente com uma menina que entendia o português e dominava o alemão.

Ferronato e Gomes (2008) sublinham que os primeiros contatos com a criança foi difícil, somente após quatro meses ele passou a se interessar mais pelas atividades propostas e então, aos poucos, passou a apresentar uma fala rudimentar e com um ano de terapia apareceram as primeiras palavras com significações.

Com a fonoterapia, durante 2 anos e 3 meses, apoiada no sociointeracionismo, por meio de atividades orais lúdicas que envolviam o brincar e o jogar, o paciente apresentou resultados positivos, pois atingiu o objetivo principal das intervenções, uma vez que obteve crescimento significativo com relação ao uso no português e superou suas dificuldades. A partir desse estudo, constataram-se a importância e a eficácia da terapia fonoaudiológica em crianças com atraso de desenvolvimento da linguagem.

Ferronato e Gomes (2008) enfatizam que a linguagem é desenvolvida quando a criança domina três aspectos importantes: o pragmático, que é a intenção social da comunicação; o semântico, que corresponde ao conteúdo a ser comunicado; e o gramatical, que envolve a sintaxe e a morfologia. A sintaxe diz respeito às regras, a morfologia às menores unidades significativas da língua e a fonologia aos sons.

As fonoaudiólogas concluíram que os atrasos no desenvolvimento da linguagem podem ser decorrentes de um ambiente sem estimulação, ou com estímulos impróprios, falta de apoio familiar, fatores hereditários, dentre outros.

Outra questão que deve ser considerada é que nesse caso a família apresentou algumas resistências quanto ao português, uma vez que considerava o alemão um símbolo de sua origem e queria preservá-lo, em uma forma de assegurar a manutenção da identidade familiar; esse é um dos motivos que prolongou o tempo de terapia.

Muitos fatores interferem no processo de aquisição de uma segunda, até mesmo a forma como a família se posiciona e entende a segunda língua.

Em entrevista com uma professora do curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá, mãe de um aluno que estuda em uma escola bilíngue de imersão no inglês em Maringá, foi possível a confirmação de alguns dados apresentados nesta pesquisa. A proposta pedagógica dessa escola é estimular a criatividade e a curiosidade dos alunos por meio de simulações significativas e desafiadoras e também oferecer oportunidades de socialização entre família e escola.

A mãe relatou que o motivo de sua procura pela escola deveu-se a sua preocupação com a formação social, cultural e cognitiva de seu filho. O menino começou a frequentar a escola a partir do primeiro ano do ensino fundamental, portanto ainda não estava alfabetizado. A criança tinha aula todos os dias da semana no período da manhã, das 7h30min às 12h25min e um dia no contraturno, das 13h30min às 17h30min. É importante ressaltar que durante a metade do período em que ele permanecia em sala a comunicação era em inglês. Segundo a mãe, a criança também era constantemente estimulada em casa.

Nesse caso, a mãe relatou que o resultado era ótimo, pois a criança não apresentou nenhum atraso durante o processo, não confundiu os dois idiomas; já compreendia bem, se comunicava facilmente em situações do cotidiano. Nesse sentido, é possível reafirmarmos que o bilinguismo não tem efeitos negativos sobre o desenvolvimento infantil e o contexto familiar em que a criança está inserida interfere diretamente no aprendizado de uma segunda língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste trabalho demonstram que o bilinguismo na infância é uma experiência significativa, que influencia de maneira positiva o desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças. Foi possível constatar que as possíveis implicações são relativamente reduzidas e facilmente superadas.

No geral, as pesquisas (MARTINS, 2007; BIALYSTOK, 2011) apontam que crianças bilíngues, em comparação com as crianças monolíngues, apresentam algumas vantagens com relação à consciência metalinguística, na resolução de problemas, na aquisição de habilidades de leitura e escrita, entre outras. Martins (2007) conclui que alunos bilíngues têm se destacado em testes de inteligência verbal, na formulação de conceitos, no pensamento global e na solução de problemas.

O estudo de Mechelli (2004, apud MARTINS, 2007) aponta que a plasticidade neural é maior em crianças, comprovando que essa plasticidade faz com que as crianças consigam aprender com mais facilidade.

Nicoladis, Charbonnier, Popescu (2011); Martins (2007); Ferronato e Gomes (2008) constataram que muitos fatores interferem na aquisição de uma segunda língua, tais como a idade, o contexto sociocultural, a postura dos pais em relação ao bilinguismo, as diferenças individuais, a maneira e a proporção da exposição às línguas, o posicionamento do professor, entre outros.

A respeito do processo de ensino e aprendizagem na educação bilingue, Vygotsky (1998) esclarece que o desenvolvimento dos indivíduos ocorre por meio do aprendizado que se efetiva nas relações sociais entre os indivíduos. Nesse sentido, quanto mais ricas forem suas experiências, mais elas estarão propensas a aprender.

De modo geral, verificamos que a educação infantil bilíngue pretende favorecer o aprendizado linguístico e cultural em outro idioma, uma vez que os pais desejam que seus filhos ampliem o conhecimento cultural, pois entendem que assim eles estarão mais preparados para este mundo globalizado.

A partir da perspectiva de Vygotsky, apresentamos a importância do papel do professor como mediador, que deve proporcionar aos alunos um ambiente que favoreça o aprendizado das duas línguas.

Ressaltamos, portanto, por meio dessas reflexões, que o bilinguismo não traz malefícios ao desenvolvimento cognitivo da criança. Diante disso, esperamos que os pais e

pedagogos tenham uma compreensão mais ampla sobre o processo do bilinguismo, de suas relações com o desenvolvimento cognitivo e passem a olhar a educação bilíngue como uma educação positiva e desmistifiquem a educação bilíngue e suas prováveis consequências.

REFERÊNCIAS

BIALYSTOK, E. Aquisição do segundo idioma e bilinguismo na primeira infância e seu impacto sobre o desenvolvimento cognitivo inicial. In: Tremblay RE, Boivin M, Peters RDeV, eds. **Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância** [on-line]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2011:1-5. Disponível em: <<http://www.encyclopediacrianca.com/documents/BialystokPRTxp1.pdf>>. Acesso em: 09 de junho 2013.

DAVID, Ana Maria Fernandes. As concepções de ensino-aprendizagem do projeto político-pedagógico de uma escola de educação bilíngue. Dissertação de mestrado em linguística aplicada e estudos da linguagem. PUC/SP, São Paulo, 2007.

DIAZ, R. M. The impact of bilingualism on cognitive development. In: GORDON, E.W. (Org.) **Review of research in education**. Washington, DC: American Education Research Association, 1983.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FERRONATO, Bianca Correia; GOMES, Erissandra. Um caso de bilinguismo: a construção lexical, pragmática e semântica. **Rev. CEFAC**, vol.10, nº1, São Paulo Jan./Mar. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-18462008000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 de fev de 2013.

FLORY, E. V. Influências do bilinguismo precoce sobre o desenvolvimento infantil: uma leitura a partir da teoria de equilíbrio e Jean Piaget. Tese de doutorado. USP. São Paulo, SP, 2008.

GENESEE, F. **Aquisição bilíngue**. Trad. Wendel Dantas, 2004. Disponível em: <<http://www.bilinguismo.org/>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

MARTINS, M. G. L. Uma experiência de desenvolvimento de projetos didáticos na educação infantil bilíngue. USP, Faculdade de Educação, Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2007.

MEGALE, A. H. Bilinguismo e educação bilíngue – discutindo conceitos. **Revista virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Ano 3, n.5, 2005. Disponível em: <<http://www.revelhp.cjb.net/>> . Acesso em: 10 de março 2013.

NICOLADIS E, CHARBONNIER M, POPESCU A. Segundo idioma/bilinguismo nos primeiros anos de vida, com ênfase em seu impacto sobre o desenvolvimento sociocognitivo e socioemocional inicial. In: Tremblay RE, Boivin M, Peters RDeV, eds. **Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância** [on-line]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2011:1-6. Disponível em: <<http://www.encyclopedia-crianca.com/documents/Nicoladis-Charbonnier-PopescuPRTxp1.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2013.

SILVA, Samanta Malta P. da. **Percepção social do ensino bilíngue inglês/português no Brasil**. Relatório final de pesquisa apresentado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade de Mogi das Cruzes. Mogi das Cruzes, 2009.

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2004.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1991.